

O olho mais azul: a influência do racismo na construção identitária e na inferiorização de mulheres negras

The bluest eye: the influences of racism on identity construction and the inferiorization of black women

Ana Beatriz Santos Braz¹

Elis Regina Fernandes Alves²

Resumo: O trabalho objetivou analisar o romance *O olho mais azul*, de Toni Morrison, delimitando as análises nas representações de corpos femininos negros figurados na obra, relacionando essas representações às questões hierárquicas de gênero. A narrativa se desenvolve a partir do desejo de Pecola Breedlove em possuir olhos azuis, acreditando que assim ela consiga ser acolhida pelas pessoas e por seus pais. Para tanto, realizou-se uma abordagem teórica e crítica em relação ao contexto histórico e social do feminismo negro, utilizando autoras como Davis (2016); hooks (2014); Ribeiro (2018), entre outras. Além disso, percebeu-se a necessidade em investigar além das questões de gênero e raça, pois as discriminações sofridas por mulheres não-brancas são fundamentadas também na classe baixa em que elas recorrentemente se situam. Sendo assim, utiliza-se nesta pesquisa o letramento interseccional, de Crenshaw (1991), como forma de abranger as diversas prerrogativas que se transpassam e estabelecem um sistema de desmoralização superior sob a figura feminina não-branca. A pesquisa evidencia a importância de desenvolver estudos que promovam reflexão e mudança em uma base social estruturada pelo preconceito racial e de gênero. É importante analisar as múltiplas vivências femininas além das teorias feministas, expandindo esses estudos às teorias que foquem nas diversas violências sofridas pela mulher não-padrão, por isso a necessidade de incluir a teoria interseccional, para expor como a mulher negra sobrevive diante de uma sociedade que sempre beneficia pessoas (inclusive outras mulheres) padronizadas pelo eurocentrismo, pela classe, e pela cisheteronormatividade.

Palavras-chaves: feminismo negro; interseccionalidade; branquitude.

Abstract: The work had as objective to analyze the Toni Morrison's novel, titled "The Bluest eye", delimiting the analyzis in the representations of black female bodies in the shell-work, relating this representations to hierarchical gender issues. The narrative has as main character Pecola Breedlove, a 12 year old black girl that lives in precarious situation, both Community and Family. That said, Pecola prays every day to have blue eyes, because she believes with blue eyes she can be welcome by her family. Therefore, it was made a theoretical and critical approach about the black feminism's historical

¹ Mestranda em Letras pelo PPGL-UFAM. Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa, pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Bolsista da Fundação de amparo à pesquisa do estado do Amazonas – FAPEAM. E-mail: biabraz445@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-0946-2338>

² Docente do curso de Letras - Português e Inglês da UFAM - Universidade Federal do Amazonas, no IEAA - Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente de Humaitá - AM; Atua no PPGL-UFAM (Manaus). Possui graduação em Letras- Língua Inglesa e Língua Portuguesa- pela UEM- Universidade Estadual de Maringá, mestrado em Letras pela mesma Universidade, e doutorado em Letras pela UNESP. E-mail: elisregi@ufam.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2795-8062>

and social contexto, using authors as Davis (2016); hooks (2014); Ribeiro (2018), and others. Furthermore, it was noticed the necessity in to investigate beyond of issues about gender and race, since the discriminations wiht not-white women are justify also in their low class. For this, it is used in this word the Crenshaw's interseccional literacy (1991), to include diversses prerogatives that intersect and establish a desmoralization sistem very great under the not-white female figure. The research shows the importance of developing works that promote reflection and change in a social base structured by the racial and gender prejudice. It is importante to investigate the multiple experiences of women besides feminist theories, but also through of theories that focus on different types of violence suffered by this non-standard woman, for this the necessity to include the interseccional theory, it shows how the black woman survive before a society that Always benefits those (and others women) standardized by the eurocentrism, grade and cisheteronormativity.

Keywords: Black feminism; interseccionalidade; whiteness.

1 Introdução

O Olho mais azul, publicado em 1970, é um romance de Toni Morrison que retrata diversas conjunturas raciais que simbolizam a miséria e o racismo estrutural evidente na sociedade americana de 1940. Diante desse contexto, estabelece-se uma discussão como forma de investigar e constatar os cenários de precarização e desmoralização envolvendo a população preta e, mais especificamente, o sexismo e maior potencialização da opressão sobre mulheres negras. Embora a opressão sexista abranja todas as mulheres, é importante ressaltar que a opressão nem sempre será em níveis proporcionalmente idênticos para todas, pois a estrutura social perpetuada no mundo estabelece que alguns grupos de pessoas sejam mais inferiorizados, ocorrendo certa naturalização na incorporação de valores, que resultam em noções de dominação de uns sobre outros.

Por mais que exista o fator comum de discriminação ao gênero feminino, ainda há outras variações ideológicas que permitem que algumas mulheres sejam vistas como inferiores às outras por fatores econômicos, raciais, sociais, entre outros. Sendo assim, esse artigo estabelece discussão acerca do sistema patriarcal, evidenciando que não há como produzir um estudo hegemônico sobre gênero quando algumas mulheres sofrem opressão em níveis mais elevados do que outras. O contexto criado por Morrison em *O olho mais azul* possibilita a análise de questões raciais, de gênero e de classe que influenciam na inferiorização de pessoas negras e, principalmente, de mulheres negras.

Desse modo, a obra inter-relaciona as experiências vivenciadas por três meninas afrodescendentes à história individual de Cholly e de Pauline. Nesse contexto, é possível dialogar não apenas com as dificuldades enfrentadas por crianças afrodescendentes, mas

também com as diversas camadas que envolvem o processo de construção identitária de corpos negros, tanto masculinos quanto femininos, e o quanto essas representações se contrapõem ao padrão feminino e masculino imposto pela sociedade patriarcal e racista, sendo assim, é exposta como a desvalorização do corpo negro influencia também na construção identitária, na trajetória e na relação com os demais indivíduos da sociedade.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, realiza-se um levantamento teórico e crítico sobre o feminismo negro, utilizando autoras como Davis (2016); hooks (2014) e Ribeiro (2018), entre outras; também utiliza-se Crenshaw (1991) e sua pesquisa sobre interseccionalidade, para estabelecer o debate sobre questões do feminismo negro que não são abrangidas pelas pautas raciais ou pelos movimentos feministas, que muitas vezes são elitistas. Essa pesquisa possui metodologia verticalizada, pois, além de resumo e introdução, há o levantamento teórico e a análise do objeto de estudo estabelecidos em paralelo. Por último, realiza-se a conclusão e elencam-se as referências bibliográficas.

2 O olho azul como símbolo da invalidação de corpos femininos negros

O objeto de estudo desta pesquisa é o primeiro romance da autora Toni Morrison, que além de trabalhos artísticos, também foi responsável por atuar em palestras, entrevistas, escrever artigos e críticas literárias. Embora seja conhecida pela sua relevância literária, suas experiências não se restringiram a essa área, tendo atuado também como editora chefe da revista *Random House*, e professora de universidades renomadas como: Universidade do Sul do Texas, Princeton e Yale. Além da autora utilizar a literatura como manifestação cultural, também opera na tentativa de desconstruir uma sociedade racializada e patriarcal. O principal artifício de Morrison para atuar na literatura com temáticas que focam na raça e no gênero é sua própria existência, sendo uma mulher negra que percebe e vivencia a segregação sofrida pela população afrodescendente. A interseccionalidade é uma das teorias abordadas para contemplar as problemáticas abordadas por Morrison em *O olho mais azul*, uma vez que somente as teorias feministas não seriam suficientes para investigar as problemáticas na narrativa em questão. (SOUZA, 2022, p. 21)

A obra tem como personagem principal Pecola Breedlove, uma menina negra de 12 anos, que vive em situação precária, tanto comunitária quanto familiar. Por estar incluída em uma sociedade racista com imposições estéticas que valorizam fenótipos da branquitude, ela incorpora esse padrão de beleza que, por consequência, a faz acreditar na própria

inferioridade. Diante disso, Pecole reza todos os dias para possuir olhos azuis, acreditando que, com essa particularidade, ela consiga ser acolhida pelas pessoas, inclusive por seus pais.

A universalização do feminismo é também elitista. Ao não se discutirem as diferenças de classe e raça, os movimentos continuaram seguindo as pirâmides de opressão, nas quais a mulher negra ocupava a última colocação, abaixo, inclusive, de outras mulheres vistas como superiores por questões raciais e condições econômicas. Ao não haver qualquer consciência que restituísse o pensamento limitado desses movimentos, as mulheres não-brancas e de classe baixa jamais foram contempladas integralmente pelas reivindicações, além disso, por serem pobres e viverem em uma sociedade racista e classista, sobreviviam a partir de opressões ainda mais potencializadas, mas a falta de empatia e reflexão dentro dessas organizações não permitia que elas fossem nem mesmo consideradas. De acordo com Crenshaw:

O problema não está simplesmente no fato de que ambos os discursos com as mulheres de cor pelo não reconhecimento da “adicional” questão de raça do patriarcado, mas que os discursos são frequentemente inadequados mesmo para as discretas tarefas de articular as diversas dimensões do racismo e sexismo. Porque mulheres de cor não experienciam o racismo de maneiras iguais por homens e mulheres brancas, antirracismo e feminismo são limitados em seus próprios termos. (CRENSHAW, 1991, p. 13, tradução nossa)³

É muito difícil que mulheres não-brancas se sintam acolhidas por movimentos que não pautam suas lutas integralmente. A vivência da mulher negra não se equipara ao sexismo da mulher branca, pois cada corpo possui uma representação diferente para uma sociedade racista e sexista; assim como somente as lutas antirracistas também não a contemplam, por não perceberem as discussões sobre gênero como uma necessidade.

Como pode ser visto na obra, Pauline atua como empregada doméstica, sendo diariamente confrontada entre duas realidades, uma dessas realidades é a sua própria vida e todas as questões que envolvem seu cotidiano: sendo a mãe de uma família desestruturada, com um marido alcóolatra e a incapacidade de transmitir afeto aos filhos, ela vivencia frustrações diárias. Tais questões são consequências do racismo estrutural no qual ela está

³ Cf. “The problem is not simply that both the discourses fail women of color by not acknowledging the “additional” issue of race of patriarchy but that the discourses are often inadequate even to the discrete tasks of articulating the full dimensions of racism and sexism. Because women of color experience racism in ways not always the same as those experienced by men of white women, antiracism and feminism are limited, even on their own terms”. (CRENSHAW, 1991, p. 13)

inserida, pois, assim como para a maioria das pessoas negras na época em questão, não eram disponibilizadas ou pensadas políticas públicas que viabilizassem aos sujeitos negros melhores condições de vida, resultando em recorrentes ocupações limitadas e exploratórias nos espaços sociais. O negro convivia com o racismo perpetuado às suas raízes étnicas, desmoralizadas pelo ocidentalismo, e vivenciadas diariamente no convívio familiar e nas relações com outras pessoas. Além disso, pode-se observar na obra a tentativa de Pauline em se encaixar aos padrões estéticos femininos perpetuados através do patriarcalismo, entretanto, ela percebe que há algo de errado ao tentar se adaptar a essa realidade, pois são padrões de beleza impostos para um único tipo de corpo feminino, o branco:

Pauline não se sentia à vontade com as poucas mulheres negras que conhecia. Elas achavam engraçado que ela não alisasse o cabelo. Quando tentou se maquiar como elas, o resultado foi péssimo. Os olhares que alfinetavam e as risadinhas disfarçadas por causa de sua maneira de falar e se vestir deram-lhe vontade de ter roupas novas. (MORRISON, 2019, p. 86)

Diante disso, observa-se que Pauline percebia a realidade na qual estava inserida, e ainda assim tentava se habituar a este mundo, no entanto, se trata de um sistema racial repressivo, que tenta a todo momento invalidar a existência do negro, por esse motivo, ela se sente deslocada e invisibilizada. Em contrapartida, há uma realidade mais reconfortante e que possibilita que Pauline, finalmente, se sinta parte completa e significativa da sociedade, que é quando ela está no local de trabalho:

Ali encontrava beleza, ordem, limpeza e elogio. [...] Ela reinava sobre armários abarrotados de comida que não seria consumida durante semanas, meses até; era a rainha de legumes enlatados comprados às caixas, dos fondants especiais e docinhos em minúsculos pratos prateados. Os credores e os vendedores que a humilhavam quando ela os procurava em seu próprio nome a respeitavam, ficavam até intimidados com ela, quando falava pelos Fisher. [...] Naquela casa ela tinha poder, elogios e luxo. (MORRISON, 2019, p. 93)

Quando ela está trabalhando para a família Fisher, composta por brancos bem estruturados e ricos, consegue realizar-se como mãe e como sujeito, pois pode experimentar a dignidade que nunca será vivenciada quando está fora desse convívio *glamourizado*.

A patroa de Pauline pertence à classe alta e através dessa personagem é possível verificar o cuidado da autora ao caracterizar uma figura feminina que demonstra ser consciente quanto aos discursos e movimentos feministas, mas que pratica um feminismo elitista, sem considerar mulheres que estejam fora desse sistema privilegiado. Este fato pode

ser notado quando Pauline descreve que sua demissão ocorreu por causa de seu marido, Cholly, que invadiu a residência dos Fisher para tentar conseguir o dinheiro da esposa, nesse momento, a patroa condiciona a permanência dela no trabalho à separação do marido, e isso ocorre de forma totalmente distante das prerrogativas raciais que a doméstica enfrenta:

Quando aquela branca viu ele, ficou vermelha. Tentou se fingir de forte, mas tava morta de medo. Disse pro Cholly ir embora ou ela chamava a polícia. Ele xingou e começou a me puxar. Eu podia avançar pra cima dele, mas não queria encrenca com a polícia. Então peguei as minhas coisa e fui embora. Tentei voltar, mas ela não me queria mais, se eu fosse continuar com o Cholly. Ela disse que me deixava ficar se eu largasse dele. (MORRISON, 2019, p. 88)

Essa passagem demonstra que, embora houvesse o patriarcado como fator comum de discriminação entre as mulheres, este fator não era suficiente para que elas superassem as convenções racistas e classistas criadas e incorporadas pelo capitalismo e o racismo existentes na sociedade. A patroa personifica a mulher branca de classe alta, que possuía total desconhecimento sobre a realidade das mulheres negras, uma vez que ela tenta influenciar Pauline a abdicar do seu casamento para continuar no emprego, sem conhecer o contexto de vida dessa trabalhadora.

Apesar de a sra. Fisher expor seu conhecimento em relação às questões de gênero, o mesmo não ocorria quanto as demais subjugações às quais Pauline estava exposta. É perceptível que as donas de casa brancas, de classe média e alta, com pensamentos transgressores, possuíam muita dificuldade de serem empáticas com aquelas que estavam fora dessa classe social privilegiada, promovendo movimentos homogêneos, como se o patriarcado agisse de forma igualitária para todas as mulheres, independentemente de classe e raça, assim como afirma Davis: “a serviçal [...] trabalhava com o único propósito de satisfazer as necessidades de sua senhora. Provavelmente enxergando sua criada como mera extensão de si mesma, a feminista dificilmente poderia ter consciência de seu próprio papel ativo como opressora” (2016 p. 112). A patroa, por mais que demonstrasse ter pensamentos mais críticos com relação à liberdade feminina, ainda se apresenta como alguém que não reflete sobre questões raciais e classistas que também são importantes nesse processo de desconstrução patriarcal:

Ela disse que me deixava ficar se eu largasse dele. Pensei no caso. Mas mais tarde não achei muito inteligente uma preta abandonar um preto por causa de uma branca. [...] eu fiquei tão desesperada que perguntei se ela me emprestava o dinheiro. Ela ficou calada um tempo e depois disse que eu não devia deixar um homem tirar vantagem de mim. Que eu devia ter mais respeito e que era dever do meu marido pagar as conta, e que se ele não podia pagar, eu devia ir embora e fazer ele me pagar uma pensão. Tudo muito simples. Com que dinheiro ele ia me dar uma pensão? (MORRISON, 2019, p. 88)

É mais fácil lutar por questões que dialoguem com a realidade na qual se está inserido. Neste sentido, a potencialização da marginalização decorrente da discriminação racial não faz parte do contexto de vida de mulheres brancas, ocasionando em lutas e discussões que não envolvem estes temas. Em contrapartida, o posicionamento da mulher negra era primeiramente pautado nas suas raízes étnicas antes do apoio à equivalência entre homens e mulheres, pois ela vivenciava diariamente a subjugação patriarcal contra suas semelhantes sendo potencializada pela segregação racial. Desse modo, ainda que as mulheres conquistassem equidade em relação aos homens, isso não abrangeria aquelas que estivessem fora do padrão cultural de valorização estética e social, pois a discriminação continuaria colocando-as como inferiores aos demais. Diante disso, é perceptível que a sra. Fisher luta de acordo com suas prerrogativas, mas Pauline, apesar de não possuir a mesma politização da patroa, detém uma crítica racial que não a permite colocar o feminismo elitista acima de suas raízes.

O letramento interseccional não se caracteriza como processo nivelado, mas promove discussões sobre como as diversas formas de violências se transpassam. Nesse sentido, as práticas de combate ao racismo não se separam das demais lutas ideológicas existentes, mas também se fundamentam nesses locais. Em *O olho mais azul* é possível identificar copiosas problemáticas da vida real que são transfiguradas para a narrativa e possibilitam ao leitor identificar as implicações causadas nos sujeitos atropelados por diversas opressões que se entrecruzam.

Adotando nisto o ponto de vista de Crenshaw, frequentemente e por engano, pensamos que a interseccionalidade é apenas sobre múltiplas identidades, no entanto, a interseccionalidade é, antes de tudo, uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais. A interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos. (AKOTIRENE, 2019, p. 37)

Ao abordar a opressão sofrida pela comunidade negra, inclusive na narrativa de Morrison, logo se imagina que o racismo é o único fator determinante para os consequentes sofrimentos causados nessa parte da população, entretanto, há diversos outros elementos opressivos influenciadores dessa segregação: misoginia, pobreza, educação, política, entre outros. Nesse contexto, Morrison reúne nos personagens negros todos esses fatores que servem para identificar as intersecções de classe, raça e gênero existentes nas segregações das minorias.

Um dos temas tratados na obra é a padronização estética, que evidencia a cultura de valorização de traços fenótipos brancos. É extremamente difícil ser crítico a ideias supremacistas quando se vive em uma sociedade que se estruturou a partir de ideologias racistas, impossibilitando aos próprios atingidos por esse sistema de escaparem do senso comum. Deste modo, Pauline figura como um destes sujeitos oprimidos, mas que é bombardeada por todos os padrões de beleza que menosprezam suas características afrodescendentes. Uma das passagens que demonstra o impacto causado na mulher negra é quando Pauline vai ao cinema:

Lá, no escuro, sua memória se reavivou e ela sucumbiu aos sonhos antigos. Além da ideia de amor romântico, foi apresentada a outra — à da beleza física. [...]

Depois da educação que recebeu do cinema, nunca mais foi capaz de olhar para um rosto sem classificá-lo de alguma forma na escala da beleza absoluta, uma escala que ela absorvera na íntegra da tela prateada. (MORRISON, 2019, p. 89)

Assim como na contemporaneidade, o conteúdo reproduzido nas telas tinha o poder de construir conceitos e padrões que se perpetuavam no senso comum. Não apenas nas relações cotidianas a estética branca preserva seu privilégio, mas também naquilo que é reproduzido nos diversos meios de comunicações e demais aparelhos ideológicos. De acordo com Woolf (1992), a beleza é um dos principais artifícios para que a mulher esteja sob o domínio de figuras masculinas, pois, ao personificar conceitos estéticos, a mulher se torna vítima da busca pela perfeição, rivalidade e disputa com outras mulheres, além de outras questões que potencializam a dominação masculina pelos diversos fatores que colocam a mulher como dependente de recursos para embelezamento, dificultando a união feminina. A partir dessa

procura pela imagem perfeita, também se fortalece o sistema capitalista que influencia diretamente nas diversas camadas e interseccionalidades do feminismo, uma vez que o mercado produz massivamente objetos estéticos que influenciam as mulheres a manter esse ciclo intermitente de se encaixar nos padrões de beleza:

[...] A "beleza" é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro. Como qualquer, sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram. (WOOLF, 1992 p. 11)

O mito da beleza estabelece que, para ser aceita e para ser bem-sucedida, a mulher deve estar de acordo com a aparência exigida pelo mercado. Esse é um dos motivos pelos quais as mulheres negras, principalmente nos anos 1940, são preteridas no mercado de trabalho e estão frequentemente limitadas à ocupações domésticas ou outras semelhantes, pois a mulher negra não é representada o ideal estético e está sempre abaixo de mulheres brancas neste quesito, não importando qual tipo de moda aderida, os corpos femininos afrodescendentes não são – nunca – valorizados pela sociedade capitalista e pelo sexismo. Morrison caracteriza Pauline como essa mulher que tenta estar de acordo com os padrões de beleza, entretanto, evidencia que todos os tipos de feminilidades são criados pensando no corpo branco, e que uma mulher negra tentando reproduzir esses conceitos vira alvo de ironia. Até mesmo no cinema as realizações positivas estão reservadas aqueles constituídos por privilégios, por isso, Pauline não se identifica com as pessoas que protagonizam os filmes, pois sabe que se trata de uma realidade muito distante da sua, ocasionando uma natural incorporação de menosprezo próprio, cujo desprezo ela transfere aos seus pares, incluindo seus filhos:

Mas a Pecola, desde o começo parecia que ela sabia o que tinha que fazer. Um bebê esperto. Eu gostava de olhar pra ela. Eles faz uns barulhinho guloso. O olho meigo e úmido. Cruzamento de cachorrinho e homem morrendo. Mas eu sabia que ela era feia. A cabeça coberta de um cabelo bonito, mas, meu Deus, como ela era feia. (MORRISON, 2019, p. 91)

Testemunhar e vivenciar diariamente o padrão de beleza imposto na sociedade, principalmente para mulheres, impossibilitava que uma mãe negra enxergasse beleza nos seus filhos. Percebe-se que na passagem acima Pauline cita algumas características positivas na filha, mas logo reafirma a falta de beleza, como se ela estivesse constantemente tentando situar-se na realidade, além de desde cedo preparar sua filha para o mundo e os princípios que o constituem. Ribeiro faz algumas considerações em relação à obra em questão, afirmando que:

Foi graças a Morrison que percebi que, adoecida pelo racismo, eu precisava encontrar formas de me libertar para não amar de forma adoecida também. Entendi que o amor, por mais que me tivesse sido negado de várias formas, era um direito. E que viria a partir do momento em que eu tivesse coragem de olhar para dentro de mim com sinceridade para retirar o mal que fora colocado ali com tanto silenciamento. (RIBEIRO, 2018, p. 14)

Pode-se compreender a fala de Ribeiro por diversas perspectivas do amor, além daquele que habitualmente imaginamos entre parceiros sexuais. Desde a escravidão, os atingidos pelo racismo eram impossibilitados de amar em sua plenitude, pois a animalização à qual eles eram submetidos impedia que existisse uma relação de amor saudável, que envolvessem elementos como proteção, por exemplo. Desse modo, até mesmo o amor pelos filhos era concebido de forma adoecida, uma vez que o cotidiano era composto por dor, desprezo, brutalização, etc. Sendo assim, não havia ambiente e tratamento adequado que possibilitasse a construção de uma relação saudável, inclusive entre pais e filhos. Por isso, Ribeiro entende que é necessário se curar dessa doença emocional que o racismo causa para que, dessa forma, seja possível a libertação e a consequente capacidade de amar de maneira saudável. A citação em que Pauline enxerga Pecola como feia evidencia esse amor abatido após tanta segregação, que é justamente o que Ribeiro pontua: é preciso libertar-se daquilo que adoce e impede de amar livremente, sem estereótipos, sem dor, sem racismo.

De certa maneira, a filha de Pauline cresce vivenciando a inferiorização de sua raça em todas as suas esferas de convivência, resultando na absorção desses conceitos. Pecola Breedlove é uma criança negra que sofre com inúmeros tipos de subjugações e, certamente, uma das mais evidentes é o padrão de beleza, que influencia nela o sentimento de inferioridade. Não se trata de uma desvalorização própria sem fundamentação, mas da incorporação ideológica que é reproduzida diariamente nos aparelhos ideológicos e fazem com que a população, em geral, inclusive os atingidos, vejam determinadas características

como feias e repugnantes. Nesse contexto, Pecola vive em uma sociedade que desvaloriza todas as suas características físicas, sendo impossível para ela pensar em desacordo a esse sistema opressivo que a acompanha durante toda a vida. Por isso, ela expressa seu desejo em possuir olhos azuis:

Toda noite, sem falta, ela rezava para ter olhos azuis. Fazia um ano que rezava fervorosamente. Embora um tanto desanimada, não tinha perdido a esperança. Levaria muito, muito tempo para que uma coisa maravilhosa como aquela acontecesse.

Lançada dessa maneira na convicção de que só um milagre poderia socorrê-la, ela jamais conheceria a própria beleza. Veria apenas o que havia para ver: os olhos das outras pessoas. (MORRISON, 2019, p. 37)

Em muitos casos, ter olhos azuis está relacionado ao embelezamento, entretanto, como pode ser analisado na obra, o desejo por essa particularidade está além da espiração estética. O contexto de vida de ex escravizados e seus descendentes era repleto de dificuldades e falta de oportunidades que pudessem modificar esse cenário, em contrapartida, a vida de quem ocupou o lugar de opressor sempre foi mais confortável, pois havia aceitação, respeito, direitos. Para Pecola, ter olhos azuis significaria, também, viver de maneira confortável e tranquila, algo que nunca foi possível diante do preconceito racial que sofria. De certa forma, esse pensamento, é reflexo não apenas de características físicas naturais de cada ser humano, mas também da reprodução desses traços em outros tipos de referências – como no cinema, citado anteriormente – demonstrando que, mesmo em uma sociedade com sujeitos multifacetados, os produtos consumidos pela sociedade em geral possuíam referências homogêneas da branquitude.

Pecola também é rejeitada no próprio ambiente familiar. Como já mencionado, havia certa incapacidade por parte de Pauline em ver beleza na filha, e isso influencia diretamente na relação das duas, uma vez que a mãe não consegue transportar para a filha sentimentos amorosos que possibilitem a construção de uma relação saudável. Além da falta de afeto ser reflexo da história de vida da população negra que carrega tanta dor e sofrimento, também é resultado de uma sociedade que valoriza um padrão de beleza eurocêntrico. Nesse sentido, Pauline não consegue transmitir um amor puro e saudável, primeiro pelo seu histórico de dor, segundo pela incorporação do padrão estético imposto. Além da mãe, Pecola também não

recebia afeto de seu pai, que por ser um homem negro que enfrentava as problemáticas colocadas sob sua raça, era agressivo e alcóolatra. Logo, a menina não tinha qualquer espaço que a fizesse se sentir acolhida e amada, sentindo-se totalmente perdida. Isso se intensifica ainda mais quando, após seu pai chegar em casa alcoolizado, ela é violentada sexualmente por ele:

Ele fechou os olhos, afundando os dedos na cintura dela. A rigidez do corpo chocada dela, o silêncio de sua garganta atônita foram melhores do que o riso fácil de Pauline. A mistura confusa de suas lembranças de Pauline e de estar fazendo algo selvagem e proibido o excitou, e um raio de desejo disparou-lhe pelo membro, distendendo-o e amolecendo-lhe os lábios do ânus. Rodeando toda essa sensualidade havia uma orla de polidez. Ele quis fodê-la — com ternura. Mas a ternura não resistiu. A vagina era mais apertada do que ele podia aguentar. (MORRISON, 2019, p. 117)

Ser abusada no próprio ambiente familiar é a maior comprovação de que aquela comunidade – inclusive sua família – não lhe disponibilizava espaço; não havia qualquer lugar para ela nesse universo racista e sexista. Pauline e Cholly convivem com a opressão diariamente, em todos os aspectos de suas vidas, entretanto, ambos não têm força suficiente ou não sabem como enfrentar essa opressão, vivenciando dolorosamente a inferiorização diária. Nesse sentido, Pecola é fruto dessa vivência inferiorizada e sexista da qual suas descendentes (inclusive sua mãe) foram vítimas: a violência diária, a pouca demonstração de amor, carinho e acolhimento. Logo, ela se torna uma menina perdida, cuja perdição resulta em seus delírios psicológicos após perder o bebê fruto do estupro, e da falta de empatia da mãe, que não reconhece que a filha foi vítima de um abuso.

Crenshaw dialoga sobre como a mulher não-branca sente-se deslocada diante de discussões que não abordam os problemas específicos para mulheres marginalizadas pela raça, gênero e classe:

A falha do feminismo ao questionar raça significa que as estratégias de resistência do feminismo irão frequentemente replicar e reforçar a subordinação de pessoas de cor, e a falha do antirracismo em questionar o patriarcalismo significa que o antirracismo irá frequentemente reproduzir a subordinação de mulheres. Essas elisões mútuas apresentam um dilema

político particularmente difícil para as mulheres negras. (CRENSHAW, 1991, p. 13, tradução nossa)⁴

As mulheres não-brancas não se sentem amparadas pelo feminismo que não coloca a raça em suas pautas; assim como não se sentem totalmente representadas por lutas antirracistas que não enfrentam o sexismo como uma prerrogativa para as lutas das mulheres negras. Essa não identificação com as pautas resultam na falta de confiança em si mesmas. De certa forma, Pauline pode ser classificada como essa figura que não demonstra força perante esse mundo agressivo, pois não identifica qualquer tipo de auxílio externo que a ampare em suas dores.

Nesse contexto, pode-se considerar que Pauline transfere as suas inseguranças para Pecola, uma vez que sua filha convive em um ambiente sem afeto, respeito, estrutura, questões que potencializam ainda mais a situação de passividade. Pecola não consegue reagir à falta de carinho da mãe, não consegue reagir às inúmeras discriminações sofridas na comunidade, assim como não consegue ter qualquer atitude contra os abusos de seu pai, evidenciando sua fragilidade diante do racismo da comunidade e do sexismo no ambiente familiar. O desejo em possuir olhos se intensifica à medida em que ela é excluída e desmoralizada por esse universo que não lhe cabe, e acredita que apenas se encaixando nos padrões conseguiria ter sua existência validada de maneira positiva – fato que, de certa forma, é real. A narrativa toma um caminho ainda mais desolador, quando Pecola se afunda no próprio desejo frustrado e enlouquece, acreditando que, finalmente, ela tem olhos azuis.

A incapacidade da comunidade em sentir empatia com uma criança de 12 anos estuprada pelo pai explana a situação que a vítima vivenciava diariamente. Pode-se considerar que a beleza ocidental como modelo para qualificar determinadas pessoas como dignas de receberem apoio, amor, respeito, etc., é uma das principais causas desse sistema desmoralizador, cujo padrão estético também é resultado da inferiorização imposta pelos anos de escravidão. Nesse sentido, não apenas Pecola e Pauline são figuras que internalizaram esses conceitos, mas todas as pessoas da comunidade, que mesmo sendo vítimas desse assujeitamento racial, internalizam que são isentas de “beleza” e, conseqüentemente, merecedoras do desprezo e da insignificância imputada às suas raízes. Por esse motivo, eles

⁴ Cf: The failure of feminism to interrogate race means that the resistance strategies of feminism will often replicate and reinforce the subordination of people of color, and the failure of antiracism to interrogate patriarchy means that antiracism will frequently reproduce the subordination of women. These mutual elisions present a particularly difficult political dilemma for women of color.

são incapazes de sentir piedade de Pecola, uma vez que seus contextos históricos de vida influenciaram na incapacidade de eles serem até mesmo auto piedosos:

“Por que será que ele fez uma coisa dessas?” “Não tenho a menor ideia. De maldade.” “Deviam tirar ela da escola.” “Deviam. Afinal, ela é um pouco culpada também.” “Ah, que é isso! Ela só tem doze anos.” “É, mas nunca se sabe. Por que foi que ela não reagiu?” “Talvez tenha reagido.” “É? Nunca se sabe.” “Bom, o bebê talvez nem sobreviva. Dizem que a mãe bateu tanto nela que ela tem sorte de ainda estar viva.” “Sorte dela se o bebê não sobreviver. Ia ser a coisa mais feia do mundo andando por aí.” “Ia ser mesmo. Deviam fazer uma lei. Duas pessoas feias se reproduzindo para fazer mais gente feia. Melhor enterrado mesmo.” (MORRISON, 2019, p. 136)

Assim como não recebeu qualquer auxílio comunitário, Pecola também não recebeu auxílio de políticas públicas. Esse desamparo por todas as esferas sociais explana o quanto a existência negra é invisibilizada, corroborando com o pensamento interseccional de Audre Lorde e Achille, sobre não haver a mesma importância do corpo negro em relação ao corpo do branco: “enquanto as mulheres brancas têm medo de que seus filhos possam crescer e serem cooptados pelo patriarcado, as mulheres negras temem enterrar seus filhos vitimados pelas necropolíticas” (AKOTIRENE, 2019, p. 16). Embora Pecola não tivesse qualquer pessoa para temer violência contra ela, pois até mesmo sua mãe foi preenchida pelo ódio à negritude da filha, ainda é perceptível a aversão da sociedade pelo sujeito negro, principalmente quando se trata de alguém do gênero feminino. Considera-se que Pecola também foi uma vítima das necropolíticas que visam sempre o negro, contrapondo-se definitivamente aos discursos pregados pelo cristianismo de valorizar todas as vidas, sem distinção, entretanto, a única vida preservada era a da pessoa branca.

3 Considerações Finais

A pesquisa revela que é necessário entender que a interseccionalidade reverencia discussões que não são pautadas nas manifestações feministas que homogeneizavam a luta contra a opressão feminina. Essas discussões encruzilham diversas situações que expõem como a mulher negra sobrevive em uma sociedade que sempre beneficia aquelas mulheres padronizadas pelo eurocentrismo, pela classe e pela cisheteronormatividade. São inúmeras as discussões que redefinem o conceito sobre a mulher, e que devem ser pautadas para que se desconstrua essa visão tradicional implantada no mundo. A mulher negra, que foge do padrão

cisheteronormativo e não se encaixa no elitismo estruturado pelo capitalismo, nunca foi vista como pertencente ao grupo estipulado como “mulher de verdade”, pois ela era sempre vista como o outro.

As mulheres não-brancas de *O olho mais azul* enfrentam diversas problemáticas raciais que as fazem estar em conflito não apenas com as pessoas fora da comunidade negra, mas também com seus semelhantes. Pecola é fruto de um contexto social que não lhe permite estar incluída em qualquer lugar desse universo racista, pois exige que as pessoas não-brancas sejam inferiorizadas diante da padronização estética que valoriza traços de pessoas brancas.

Pecola é vítima das diversas violências de um sistema que menospreza sua existência. Ela não encontra seu lugar no mundo e nem pessoas que possam ampará-la em seus momentos de dores. Além do valor literário, a narrativa tem o poder social para estabelecer discussão sobre a necessidade de dialogar com as diversas dificuldades que fazem as mulheres negras serem alvos mais constantes e fáceis desse sistema racista e capitalista. Entende-se que não apenas o gênero foi determinante para a infeliz trajetória de Pecola, mas também sua classe e raça, que potencializaram ainda mais sua invisibilidade e inferiorização.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polen, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. **Mapping the margins: interseccionalidade, identity politics and violence against women of color**. Stanford law review, 1991. (*online*). Disponível em: https://blackwomenintheblackfreedomstruggle.voices.wooster.edu/wpcontent/uploads/sites/210/2019/02/Crenshaw_mapping-the-margins1991.pdf. Acesso em: 01/03/2023

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

HOOKS, bell. **Não sou eu uma mulher**. Plataforma Gueto, 2014. (*online*). Disponível em: https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf. Acesso em: 01/03/2023.

MORRISON, Toni. **O olho mais azul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOUZA, Augusto de Assis. **Episódios de opressão cotidiana no romance O Olho Mais Azul**. Orientadora: Danielle de Luna e Silva. 2022. 61 f. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Licenciatura em Letras), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.